

Fernando Henrique Cardoso

16

dizer: "aqui estou comendo o amargo caviar do exílio".

'Fazíamos planos para a volta'

MARIA LIMA

BRASÍLIA — Passados 30 anos e na condição de presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso retorna amanhã ao Chile, país que o acolheu como exilado durante o regime militar. Ao contrário de outros brasileiros refugiados, no exílio Fernando Henrique conheceu a elite da vida acadêmica latino-americana e se projetou como intelectual.

O GLOBO — O restaurante "El Parron" é um dos pontos de referência de sua passagem pelo Chile. Como eram os encontros nesse lugar?

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO — Você sabe que "parron" significa parreira? O restaurante era um lugar lindo, as mesas ficavam debaixo de videiras e conversávamos sob enormes cachos de uva pendurados em cima de nossas cabeças. A carne era muito boa. Discutíamos sobre os grandes temas da América Latina comendo assado e tomando vinho chileno. A melhor sobremesa era feita com uma fruta de lá, parecida com a nossa fruta do conde, com molho de laranja. Junto com o Weffort, o economista Prebisch, um dos grandes incentivadores da Teoria do Desenvolvimento, discutíamos se iria haver crescimento ou não na América Latina e quais poderiam ser as saídas para os países latino-americanos, como o Brasil. O restaurante ficava perto da CEPAL e íamos lá almoçar todos os dias. Por ali passava a elite dos formuladores da Teoria do Desenvolvimento, inclusive o novo presidente do Uruguai, Júlio Maria Sanguinetti, que participava dos debates na CEPAL como consultor.

O GLOBO — Nesses encontros se falava também sobre os planos de voltar ao Brasil?

FERNANDO HENRIQUE — Claro. Fazíamos muitos planos sobre nossa volta ao Brasil. Mas o tempo foi passando e esses planos foram ficando cada dia mais distantes.

O GLOBO — Como era a convivência com outros brasileiros em Santiago?

FERNANDO HENRIQUE — O

■ No Chile, havia uma vida cultural muito intensa e eu costumava dizer: aqui estou comendo o amargo caviar do exílio ■

Serra foi depois, mas ainda era estudante naquela época. O Betinho ia muito lá em casa, todo mundo que chegava lá fugido do Brasil acabava passando por lá. Nós todos íamos muito na casa do poeta Thiago de Mello. O Pablo Neruda mudou-se para Isla Negra e alugou sua casa em Santiago para o Thiago. Lá aconteciam grandes festas e grandes acontecimentos culturais. Lá conheci o Eduardo Frei, que foi presidente do Chile, o ex-presidente Salvador Allende e o próprio Neruda.

O GLOBO — O exílio no Chile não foi de todo ruim....

FERNANDO HENRIQUE — No Chile, havia uma vida cultural muito intensa e eu costumava

O GLOBO — O senhor chegou a passar dificuldades financeiras no exílio?

FERNANDO HENRIQUE — Não. Na Cepal eu tinha um salário muito bom. Dei aula em vários lugares, mais por amor às aulas. Nessa época chegamos a fundar uma associação de ajuda aos brasileiros exilados com necessidade financeira. Fundaram a associação, comigo, o Arthur da Távola e o Weffort. Cada um dava um pedaço do seu salário para ajudar os que não tinham dinheiro. Passaram por lá o Plínio de Arruda Sampaio e o Almino Afonso. Agora o Almino retorna ao Chile comigo, nesta viagem.

O GLOBO — Pode-se dizer que seu nome foi projetado no

mundo acadêmico internacional a partir de sua atuação política no Chile?

FERNANDO HENRIQUE — Sim. A partir do Chile eu e muitos amigos brasileiros ganhamos projeção no mundo político e acadêmico internacional. Lá eu escrevi muitos livros, alguns viraram best-seller, em universidades latino-americanas.

O GLOBO — Nesse retorno ao Chile, o senhor vai visitar pontos que marcaram seus quatro anos de exílio?

FERNANDO HENRIQUE — A programação é muito oficial. A agenda foi montada tendo como base a visita oficial do presidente da República. Vou com o piloto automático.